

**Senhoras e senhores,**

Começo por afirmar que um indescritível sentimento toma conta em ocasiões como esta, repleta de emoções, principalmente porque aqui nos reunimos para formalmente registrar a passagem de mais um ciclo da nossa Associação dos Magistrados Catarinenses.

Entidade de Classe que tem atuado institucionalmente para tornar possível o cumprimento da missão estatutária de "*fortalecer a Magistratura para promover a Justiça, garantir a Democracia e construir uma Sociedade melhor*".

De sorte, que neste momento de minha vida, que creio ser um dos mais desafiadores, peço permissão para registrar a felicidade de descender de uma família que firmou suas raízes no Oeste Catarinense, devota ao incansável trabalho de bem contribuir ao próximo, e que sempre nutriu a mais profunda admiração pelo judiciário catarinense, uma genuína lição legada por meu amado e inesquecível pai, Casildo João Maldaner.

Aliás, dele colhi o ensinamento pela constante prática do bem comum!

Homem pitoresco, folclórico, de humor irreverente, com quem aprendi o verdadeiro significado da política, da ética, da coragem, e de quem herdei a vocação a se dedicar e se preocupar com o bem-estar coletivo.

Costumam me dizer que “sangue não é água”. E aqui estou. Na política associativa.

Espero receber dele toda a sabedoria necessária para seguir no caminho do bom diálogo, pois como ele costumava dizer “mais vale duas horas de diálogo do que cinco minutos de tiroteio”.

Apoio-me, como ponto de partida, no lusitano José Saramago, que, como poucos, soube correlacionar o “bem” com o “tempo”, numa belíssima reflexão que diz assim:

“De sabermos que o bem não dura muito,  
não demos por ele quando veio,  
não o vimos quando esteve,  
damos-lhe pela falta quando partiu.”

De tal modo que, no tempo de hoje, no mês em que completo 17 anos de meu ingresso na carreira que escolhi por vocação, fui imbuída a assumir a presidência da Associação de todos os magistrados barriga-verde - a AMC.

Estamos, portanto, aqui por um pensar comum, num certo espaço de tempo!

Ao fazê-lo, é impossível não revisitar o bem do passado e da associação, sem o qual não podemos prospectar o futuro.

Há 63 anos, nesta capital – a “Ondina” de Cruz e Souza, reuniram-se doze honrados Magistrados, na antiga biblioteca do Tribunal de Justiça (que funcionava na Praça Pereira Oliveira), para então realizar sua fundação.

Seu propósito, gravado historicamente na ata de fundação, foi o de “defender os interesses da classe, ampará-la, manter um perfeito entrosamento social entre seus associados, e dar assistência moral e efetiva aos mesmos”.

É necessário reprisar e manter vivo esses três pilares que chegam intocáveis aos dias de hoje, constatando os atributos de idealismo, perseverança e cooperação, com o objetivo de, efetivamente, praticar o bem e num certo espaço de tempo!

E, é preciso dizer, a cada chegada, incorporam-se nessas fileiras um novo brilho.

É o brilho que tanto mantém acesa a luz da sabedoria daqueles que por aqui já passaram, como o fulgor que sustentará os que terão o encargo de continuar essa caminhada, a que se espera seja profícua.

Profícua porque o histórico de valores falíveis da sociedade não permite enxergar uma coletividade afastada da presença do juiz, que segue tentando pacificar conflitos.

Embora seja sempre uma aventura arriscada enveredar pelo campo da matemática, faz uns dias, um amigo me recordou uma singela figura aritmética ensinada nos idos tempos do ensino médio para descrever os novos tempos: o famoso “mínimo múltiplo comum”.

Perguntava ele: partilhamos de múltiplas visões, inclusive no âmbito associativo, e qual o mínimo múltiplo comum que cada um de nós pode

entregar? Qual será o mínimo múltiplo comum aceitável em nossa associação?

Mesmo consciente de que a diferença de opiniões é salutar ao bom convívio de todos, vige, também, a certeza de que um ponto uniforme sempre persistirá: a clareza de que o exercício da magistratura é indispensável à nossa sociedade.

Somos todos seres partícipes de um ciclo, contínuo e duradouro, mas numa corrente que jamais se repetirá, pois, rememorando a famosa frase atribuída à Heráclito de Éfeso, “não é possível banhar-se duas vezes nas mesmas águas de um rio”, “tudo flui, nada permanece”.

Ora, se é certo que a cidadania não é apenas lutar pelos direitos, mas lutar por aquilo que é o bem comum, certo, igualmente, que lutar pelo fortalecimento e valorização da magistratura é uma luta pelo bem comum.

Magistratura forte é a cidadania respeitada.

É com esse mirar que procederei minhas ações.

E eis aí o meu compromisso: ter a visão de que somos passageiros mas extremamente necessários.

E quero, igualmente firmar os esforços, para que essa passagem seja reluzente, zelando pela harmonia entre o passado, o presente e o futuro.

Concluo com um pensamento de Santo Agostinho:

“olho a aurora,  
anuncio o próximo nascer do sol.

O que tenho sob os olhos é o presente, o que anuncio é o futuro:  
não o sol que já é,  
mas seu NASCER que ainda não é.”

Com isso reflito que o futuro, caros amigos e caras amigas, ainda não é!  
E, se não é, ainda não pode ser visto!

Contudo, podemos senti-lo pelos sinais que já são e que se vêem.

Não temos pressa!

Porém, não devemos perder tempo na prática do bem.

E para isso, para praticar o bem, contem comigo.

Sempre. Muito obrigada.